

Segredo

Bibiana

Aprendi a ler aos seis anos. Dona Maria da Glória, minha professora, com calma e segurança levou-me a decifrar: Ivo viu a uva; a ave voa. Daí por diante não parei mais de ler. Nada para mim era mais interessante que um livro de história: Os três Mosqueteiros, Robinson Crusóé, Sete Mil Léguas Submarinas... No entanto, o livro que mais amei e que me marcou foi Novos Contos de Grimm.

Na vitrine empoeirada do sebo, próximo lá de casa, eu vi esse livro. Passou a ser meu objeto de desejo. Desejava-o com todas as forças do meu ser. E guardava as moedas ganhas do vovô em meu cofrinho. Olhava diariamente a vitrine para ver se o livro ainda se encontrava por lá.

Estávamos no início do inverno e só quando a primavera chegou consegui completar o valor.

Seu Hanz, um alemão imenso, faces encovadas, olheiras escuras, era o dono do sebo. Toda semana ele contava minhas moedas e, de maneira perversa, dizia que não eram suficientes. Eu odiava Seu Hanz com a mesma intensidade que amava o livro. Seu hanz, para mim, era o Gulliver, grande e poderoso; eu, um pequeno habitante de Lilliput. Contavam que ele tinha matado muitos judeus na Segunda Guerra, porém, agora, era o dono de um grande depósito de livros velhos, e isso tornava-o importante para mim.

Finalmente consegui completar as moedas.

Não precisa embrulhá-lo, eu disse para Seu Hanz. Peguei o livro e enfiei-o por baixo da japona como se fosse algo roubado. Com os olhos transbordando de felicidade e o coração aos pulos, corri para casa e subi a escada de madeira que levava ao sótão.

Nossa casa tinha sido construída no início do século XX. Situada em uma esquina em frente à Igreja, possuía sótão e porão. Esses lugares deixavam nossa cabeça repleta de fantasias. Ambos eram escuros, cheios de teias de aranha – removidas raramente – e, nos caibros do sótão, morcegos se instalavam. Minha irmã mais velha, destemida, colocava cigarros na boca dos morcegos para vermos como eles fumavam. Não lembro como ela conseguia tal proeza. Ficávamos perplexos e, para nós, ela era uma heroína.

Joguei-me sobre um pelego, alheia aos morcegos grudados no teto, que antes me apavoravam. Fui fazendo a leitura lentamente, avançava timidamente para que o prazer se prolongasse.

Não mostrei pra ninguém. O livro era somente meu, um segredo só meu. À noite, levava-o para o meu quarto e o escondia de todos. Não sei quanto tempo demorei até chegar ao final, mas sabia que ao termina-lo iniciaria a leitura novamente.

A família ficava intrigada com o tempo que eu passava entre os morcegos.

Dizia que iria estudar. Precisava ficar só. Ler escondida no sótão passou a ser um prazer. Com o coração batendo acelerado passava momentos excitantes. Não era só um livro. Ia além, muito além...